

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

RECORTES DE IMPRENSA

AAC fez cem anos

# Coimbra tem mais encanto na hora das recordações...

DIÁRIA  
SEMANAL  
QUINZENAL  
MENSAL


Ana Sá Lopes

A Associação Académica de Coimbra fez cem anos em 1987. Um século de histórias e guitarras, boémias e encantos — e desencantos, feitos fados, lutas e lutos.

Quem passou pela Academia de Coimbra tem sempre histórias para contar e, muitas vezes, para cantar. Histórias de Coimbra cantaram-nas José Afonso e Adriano Correia de Oliveira. Cantaram Fernando Machado Soares e, também, de vez em quando, Almeida Santos.

Em Coimbra estiveram igualmente Mário Cai Brandão, António Macedo, Victor Sá Machado, Mário Raposo, Carlos Candal, Fernando Nogueira. E, ainda, Herberto Helder, Teolinda Gersão, Helder Costa...

Manuel Alegre, Salgado Zenha, José Niza, José Miguel Júdice passaram por lá. «O Jornal» pediu-lhes que contassem algumas histórias.

### Uma Assembleia histórica

Salgado Zenha foi o primeiro presidente da Associação Académica eleito pelos estudantes, depois de um período em que a gestão da AAC esteve entregue a comissões administrativas nomeadas pelo regime. Era o ano de 1944. E Zenha, hoje, da sua passagem pela Academia, recorda, principalmente, a Assembleia Magna em que os estudantes apoiaram por ser recusado a participar numa manifestação pró-salazarista.

«Claro que a seguir fomos demitidos», lembra Salgado Zenha. Mas o apoio que recebeu, na altura, de uma assembleia em que a Academia participou em peso fica na história. Sem pseudosismos, como faz questão de afirmar.

Da Coimbra das lutas também fala Manuel Alegre: «Vivíamos numa situação irremediável, mas a minha época foi — época de ouro da Academia: uma época dura, de lutas e terror, mas muito rica — uma época que se pode comparar à da revolução liberal e à da geração de 70. Coimbra era, nessa altura, a capital da insatisfação».

Insatisfação traduzida, muitas vezes, em arte: «Coimbra foi um centro pioneiro de produção cultural. Assistimos a uma grande mudança no canto, poesia e teatro». Manuel Alegre recorda os tempos em que esteve no TEUC («Um bastião de resistência cultural»), onde desempenhou, em várias peças, os papéis principais, e no CITAC, da que foi um dos fundadores. E lembra, também, o professor Paulo Quintela: «Ensinou-me a dizer poesia».

### Exílio no tempo

De Coimbra, Alegre tem, na memória, o dia em que foi obrigado a partir. Tinha um

chamado para embarcar para Angola, onde iria ser julgado em tribunal militar. Estava um dia de sol, um dia que era o do seu aniversário, que coincidia com a Quilina das Fitas e Alegre ia ser fitado.

«Lembro-me de ver, do Vale do Inferno, Coimbra em festa. E eu ia partir, partir por muito tempo».

Hoje, Manuel Alegre sente, em relação à Academia, um outro exílio: «Um exílio no tempo. Retemos longe dos ideais que, então, foram os nossos. Impressiona-me o formalismo e o conformismo da Academia. Mas é muito difícil julgar isto».

Entre as memórias académicas de José Niza, a música vem em primeiro lugar: «Fiz uma entrada em grande estilo: dias depois de chegar, calorímetro ainda, penetrei no Olimpo do Fado de Coimbra e conheci e acompanhei os «deuses» da altura: o Machado Soares, o Luís Gões, e António Portugal e o Zeca Afonso. Para calorímetro não estava nada mal!».

Em Coimbra, Niza instalou-se numa república, a «Baco», junto da Sá Velha, onde esteve até terminar o curso de Medicina: «Era uma república cheia de tradições. Por lá tinham passado o Almeida Santos, que também cantava e tocava guitarra, e outras figuras do «jet-set» da altura: como o Christian Bernard das trans-

plantações, o Vinícius de Moraes, o Dorival Caymmi».

### O «Macho Lusitano»

«Na órbita da Associação Académica fervilhavam actividades culturais», conta Niza, «A Tuna, o Orfeon, o Coral de Letras, o TEUC e o CITAC. Com todos colaborai, o que me deu oportunidade de ir conhecendo o mundo. Com o Zeca e o Adriano viajei, cantando e tocando, da Suécia aos confins da África».

Quando José Afonso começou a tocar baladas, Niza e outros (entre os quais Proença de Carvalho) andavam com o «bichinho do jazz»: «Fundámos um clube de jazz e fazíamos «Jam Sessions» às sextas-feiras. Organizámos dois festivais internacionais de jazz (com a ajuda do Villas-Boas, naturalmente), um deles, com o Dexter Gordon, hoje muito conhecido através do filme «A volta da Meia-Noite».

José Niza participou também nas actividades teatrais: «Com Salvat, no CITAC, fiz música para duas peças que a censura proibiu: À Escapada e a Regra», de Brecht, e «Costelas e a Sua Época». Mas as músicas ficaram e algumas delas foram gravadas, sobretudo pelo Adriano».

Apesar de envolvido em contestações várias, Niza nunca foi preso: «Mas a Pide, mais do que uma vez, foi-me a acordar a buscar ao meu quarto da república. Uma delas, tenho a impressão do que o que me safou foi o agente da Pide ter encontrado, no meu quarto, em vez dos papéis que procurava, uma bela escandinava, naturalmente loira e perplexa. Para

o agente, o «macho lusitano» salvava a honra da pátria, e para a Pide, sempre era uma atenuante...».

José Niza formou-se num fim de tarde de 1966: «Era o dia do jogo Portugal-União Soviética. O exame durou apenas três minutos porque toda a gente, a começar pelo catequético, queria ir ver o jogo e o que o Eusebio faria...».

Depois da formatura, veio o casamento e o estágio em psiquiatria com o Doutor Nunes Vicente: «Um grande homem, um grande professor, ele é a minha última grande re-

cordação dos tempos de Coimbra».

### Alegria nas batalhas

Para José Miguel Júdice, Coimbra foi fascinante. «Era um tempo em que a luta política se fazia com idealismo e excesso, em que as confrontações eram assumidas com o radicalismo de quem estava convencido de que tinha as soluções para salvar o Mundo, em que a frontalidade permitia o respeito entre os adversários que, por vezes, talvez contas-

sem, relações mas que sabiam profundamente que era desse modo total que valia a pena viver».

E hoje? «Hoje, passados 20 anos, o que resta é, afinal, a vontade de manter a fidelidade a algumas aspirações essenciais, mais importante que a conjuntura dos debates e das ideias vigentes: é preciso lutar por aquilo em que se acredita, vale a pena estar contra a corrente; é preferível enfrentar os senhores do dia a implorar o seu favor; deve respeitar-se o adversário; estimar a sua existência e honrá-lo, tentando vencê-lo em luta leal; não se devem trair os amigos e companheiros; tem de ser possível rir e ter alegria nas batalhas».

Mas... «Os anos passam e o amadurecimento é o contraponto para a perda de muitas ilusões. E, só desse modo, é possível fortalecer uma personalidade adulta. Às vezes tenho pena de que a última geração que não queria o poder e que não cresceu a treinar o instinto assassino, não tenha sido capaz de mudar um pouco mais o mundo, através das derrotas que fomos coleccionando e do idealismo que os melhores de nós, à esquerda e à direita, poubaram preservar».

José Miguel Júdice conclui: «Mas nas divergências que assumimos, talvez um dia saibamos descobrir as convergências que fixaram da geração de 69 um caso ímpar, no ímpeto com que vivemos, nas construções inacabadas que deixámos, nos erros e exageros que tivámos e nesta espantosa tendência de não nos traírmos por nenhum dos pratos de lentilhas com que sucessivamente nos foram tentando».

Coimbra é uma lição.

Associação Académica - Actividades socio culturais - Comemorações UNUS Coimbra

Diário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
X

JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AUG	SET	OCT	NOV	DEZ
-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----	-----

